

RELAÇÕES DE GÊNERO, CORPO, “RAÇA” E GERAÇÃO EM CONTEXTOS DE SOCIABILIDADE NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Aluno: Ana Carolina Saavedra Losada Lopes
Orientador: Sonia Maria Giacomini

Introdução

José Guilherme Cantor Magnani[1], e Roberto DaMatta[2] e Gilberto Velho[3], são autores que chamam a atenção para a ampliação de foco nos estudos antropológicos ocorrida com a inclusão dos estudos sobre as sociedades complexas. Se antes era procurada a diversidade cultural, através do estudo de povos primitivos e distantes, agora também se percebe a cidade como um ponto interessante a ser estudado. A cidade se revela, de fato, por sua capacidade de abarcar uma diversidade enorme de mundos, uma pluralidade de maneiras de construir a identidade social e individual, um espaço privilegiado para o estudo da diversidade cultural.

Esses autores também nos mostram como é importante estudar a cidade, um ambiente que contém normas e regras já naturalizadas e introjetadas, o que coloca a questão central do estranhamento para o antropólogo cidadão. Roberto DaMatta [2] nos mostra que para que um ambiente familiar, neste caso a cidade, deixe de sê-lo e se torne exótico, é necessário um esforço emocional, já que o antropólogo que estuda cidade, deve se desprender da ordem que já interiorizou, para estranhá-la.

José Guilherme C. Magnani no “*Quando o campo é a cidade*”, nos apresenta a maneira como deve o antropólogo caminhar na cidade, para que possa estranhá-la. O seu andar fica entre o andar do nativo, que já conhece aquele espaço, e o do turista, que tem um *timing* diferente, e que busca nesse percurso o inesperado, o diferente. Mas o antropólogo não deve buscar o inusitado, e sim tentar compreender como acontece aquela organização, quais normas e padrões de conduta se dão em espaços não escolhidos ao acaso, mas já pensados previamente, e naturalizados. Deve também perceber como os homens utilizam os espaços, quais estratégias escolhem para cada um deles, para tornar possível a sociabilidade, e que em cada espaço há um mundo variado de sociabilidade.

A partir desta compreensão da importância da cidade como objeto de estudo, como um campo onde ocorrem diversas sociabilidades, foram estudados textos que problematizam a cidade e o cidadão

A cidade, como nos mostram Georg Simmel[4]; Louis Wirth[5] e Robert E. Park[6], está além de suas fronteiras físicas. A cidade, apesar da aparência de um amontoado desordenado de prédios e instituições, é uma realidade complexa e se constrói através da diferença; de gosto, de escolha, congregando as diferentes maneiras como os homens constroem sua identidade social dentro dela, e portanto, um conceito chave para se pensar a cidade é a *heterogeneidade*. A cidade é um produto humano, e possui uma *ecologia* específica, ou seja, cada edifício e instituição, cada moradia e bairro, tem uma lógica organizacional único feito pela população, através de um cálculo, de proximidade por gostos

parecidos, ou pelo local de trabalho, e por essa complexidade, a cidade possui uma cultura própria.

José Guilherme C. Magnani[7] nos apresenta as especificidade da cidade, nos mostra uma visão que contrapõe a cidade grande à vida rural. Na cidade, diferentemente do que ocorre no campo, há mais possibilidade de se conseguir serviços, tais como escola; hospitais, e também emprego estável. Diferente do que ocorre na cidade rural, o homem citadino para conseguir tais serviços precisaria apenas um pequeno esforço. Porém, o autor refuta essa idéia, nos mostrando que o imaginário criado em torno da cidade se difere da realidade. Onde a realidade citadina é composta por carência e desigualdades nos acessos a esses serviços.

Dentro do contexto citadino, Georg Simmel nos apresenta o comportamento do homem urbano, e o compara com o ambiente e o homem rural. O citadino é indiferente, blasé, marcado pelas relações breves e baseadas no interesse. O homem rural, ao contrário, é um homem mais emotivo, pautado por relações de proximidade e amizade.

O autor José Guilherme C. Magnani no texto “*Quando o campo é a cidade*”, faz um recorte mais específico dentro da cidade, enfocando o lazer. Até década de 70, o tema não era visto como relevante para as ciências sociais, que viam o lazer apenas como um *contraponto* do trabalho. O lazer foi pensado inicialmente como um espaço de prolongação do trabalho e da cultura dominante citadina. Contudo, os trabalhadores reorganizaram este espaço, para que se tornasse um ambiente de reafirmação de sua identidade em contraposição àquela imposta pela cultura dominante exercida no trabalho.

Magnani[7], nos apresenta diversos pontos relevantes para a discussão do homem rural e a cidade, inicialmente nos apresenta um conceito importante no cotidiano dos homens, que ele chama de *estratégia*, que consiste em escolher métodos e instituições variadas para obter a sua principal necessidade. Como resultado acarretaria muitas vezes, uma mistura entre o moderno, a vida urbana, e o antigo, a vida rural.

Essa mistura aconteceria diversas vezes, porque o homem rural que migra para as grandes cidades tem que modificar totalmente seu modo de vida, reorganizar suas necessidades e as maneiras como atender essa necessidade, tem modificar seus laços, sua identidade, e suas tradições, algumas permanecem, outras se modificam, ou até somem.

Apresenta-nos também neste texto, uma discussão relevante para se pensar o homem rural, suas tradições, uma dessas visões que ele chama de *folclorista*, que percebe essas mudanças ocorridas na tradição como uma perda da autenticidade, e possui, segundo o autor, uma visão estática e imutável da cultura, que ele critica. E outra visão, que vê a cultura popular, como um movimento de resistência à cultura dominante, e que para o autor, pensar a cultura popular através dessas duas lentes, seria simplificá-la.

A cidade cria um homem peculiar, na medida em que nela as necessidades e os espaços de lazer se diferem da do campo. Vagner Gonçalves da Silva [8], através do candomblé nos mostra como a cidade gera peculiaridades. A religião dentro da cidade ganha novas características já que os espaços e os recursos que se encontram na cidade divergem daqueles encontrados em seu local de origem.

Além de estudar a cidade como criadora de um novo indivíduo, com diferentes identidades, costumes. estudada também enfocou a maneira como os artistas se sentem em relação ao público que compra seus produtos, e como esse público afeta sua arte.

Howard S. Becker[9] discute a noção de cultura desviante, assim definida por não se encaixar na concepção convencional de arte partilhada pelos outros membros da sociedade. O autor faz um recorte mais específico, sobre os músicos da noite, que muitas vezes sofrem interferência do público na maneira como devem produzir sua arte. O artista se encontra em um dilema, tendo que optar por fazer uma música comercial voltada para o agrado do público

ou uma música que satisfaça o artista musicalmente e que não sofra interferência dos caprichos do público.

O músico, que se vê tocado pelo dom, se percebe como acima daqueles que não possuem o mesmo dom, e por isso, não se sujeitam à opinião ou interferência do *quadrado*, a pessoa que não possui o dom musical; e que é visto pelos músicos como um intolerante e ignorante. A conduta mais admirada entre eles é aquela que zomba das convenções e normas sociais. Entretanto, da mesma maneira que não gosta de ser imposto à alguma crença, o artista, não impõe aos outros o seu estilo de vida.

O artista se segrega e se isola para se proteger dessas pressões e interferência do público *quadrado*, criando mecanismo, tais como um palco, e, pode ocasionar muitas vezes em uma maior distância do público, tornando o músico um *outsider*. Outra maneira de segregar é criar uma linguagem própria de músicos, que aqueles que não são músicos, desconheçam, aproximando os músicos e distanciando os *quadrados*.

Quando o artista almeja o sucesso deve se submeter às exigências do público, priva-se de sua liberdade de artista, para agradar aqueles que vão comprar seu produto.

Uma rede de conhecidos é muito importante, visto que é através deles que é possível um contato para empregos mais estáveis no ramo musical. Através deste auxílio são criados laços de reciprocidade. Existe uma incompatibilidade entre a liberdade artística e o desenvolvimento da carreira. Quando opta pelo sucesso e emprego com maior prestígio é obrigado a sacrificar sua independência como artista.

Elaine Rodrigues Perdigão[10] em sua pesquisa realizada no Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, ou Feira de São Cristóvão, busca compreender como acontece a interação entre o repentista e o seu público.

Dentro do contexto da Feira de São Cristóvão ocorre uma divergência quanto às inovações e mudanças ocasionadas pela interação com a cidade e sua cultura. Por um lado, tanto os atores sociais quanto as mudanças são vistos como negativos, pois acarretariam a perda da cultura nordestina. Por outro lado, são vistos como um processo natural.

Na interação do repentista com a cidade, surgiria uma mistura, que incorpora diversos elementos, havendo uma coexistência entre o moderno e o tradicional, como José Guilherme C. Magnani, também nos apresenta, no seu texto "*Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade.*", através dos conceitos de *estratégia e bricolagem*.

Como já salientado, também foram estudados alguns textos que tematizaram mais diretamente o Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestinas, ou Feira de São Cristóvão.

Entre esses, o texto de Maria Lúcia Martins Pandolfo[11], que nos apresenta a história da Feira de São Cristóvão, como ela surgiu, os conflitos gerados, e algumas mudanças ocorridas. A Feira de São Cristóvão foi construída naquele espaço, por ele ser o ponto do desembarque de nordestinos que vinham ao Rio de Janeiro.

Inicialmente os nordestinos iam lá para se reencontrar, para lembrar sua terra, até o momento que um nordestino decidiu estender ao chão produtos do nordeste para serem vendidos. Na medida em que se ampliavam o número de pessoas que estendiam seus produtos, o interesse de entidades sobre a Feira cresce. Essas entidades exigem que a Feira possua um corpo de regras e normas na organização do espaço, tais como a utilização de barracas e carteirinhas de identificação.

A partir dessas mudanças a Feira de São Cristóvão se torna um espaço de reencontro entre amigos, de reforço ou criação de novos laços de solidariedade, e, principalmente de reafirmação da identidade nordestina. Ao mesmo tempo em que diminui a distância entre os nordestinos e os de fora, brasileiros ou estrangeiros. Se tornando uma forma de manter a cultura nordestina em um grande centro urbano, Rio de Janeiro.

Objetivos

Um dos objetivos centrais desse projeto é possibilitar uma introdução à antropologia urbana à partir da leitura de textos sociológicos e antropológicos que problematizaram a metrópole e o homem urbano através de diferentes recortes, em particular a análise das formas de sociabilidade e lazer no meio urbano.

Foram estudadas as características da cidade em sua complexidade, sobretudo o fato da cidade, ao mesmo tempo, tanto celebrar as diferenças quanto também nivelá-las.

Analisa-se as estratégias utilizadas pela população na escolha de espaços, e o que se resulta dessas escolhas; a *ecologia* da cidade.

Buscou-se compreender a forma como a cidade afeta a construção da identidade do homem urbano. Também foi observado como esta identidade afeta a percepção que o homem urbano constrói sobre os “outros”, sobre aqueles que escapam aos seus padrões e possuem diferentes formas de perceber o corpo. Essa questão foi observada tendo como foco o carioca e do nordestino migrante que interagem na Feira de São Cristóvão.

Procurou-se observar como o nordestino se apropria e utiliza os espaços na cidade, assim como a forma como se dão as diferentes formas de sociabilidades se inserem nesses espaços. É especificamente nesses espaços de lazer popular, que são ambientes onde se misturam o tradicional, o rural, e, o moderno, que podemos melhor analisar a heterogeneidade densa que caracteriza o urbano e a cidade.

Metodologia

Foram feitas leituras introdutórias sobre Antropologia Urbana, chamando a atenção para a importância do estudo antropológico no meio urbano, por nele existirem diversos mundos. Procurou-se focar, a partir da análise e estudo de diversas etnografias, a maneira como as diferentes percepções e estereótipos, criados pelos homens, uns em relação aos “outros”, são parte integrante e fundamental das formas de sociabilidade na cidade, profundamente marcada pela heterogeneidade social.

Além disso, foram feitas leituras sobre como a cidade e o homem urbano se afetam mutuamente. A cidade produz um tipo peculiar de homem que difere daquele de cidade pequena. Pois, devido ao excesso de informações e objetos oferecidos pela cidade se tornam blasé e indiferentes. O homem ao escolher os espaços de moradia e lazer altera a configuração da cidade, conferindo à cidade um caráter único.

O foco sobre um aspecto específico da vida na cidade, o lazer, foi importante na medida em que permite captar formas de sociabilidade diferentes daquelas do trabalho ou familiar.

A opção pelo estudo do lazer popular na Feira de São Cristóvão, permitiu estudar um espaço onde o nordestino relembra de seu lugar de origem, mantendo de certa forma presente sua cultura e identidades de origem. Contudo, ao interagir com a cidade algumas tradições se modificam, ou se perdem, adaptando-se assim às necessidades da cidade.

O estudo sobre as chamadas culturas desviantes na cidade analisado através de alguns textos foram importantes para compreensão de como o homem urbano convive e percebe o “outro”, o “diferente”, aquele que possui outras formas de construir sua identidade social, e também a maneira como percebem o corpo, os costumes, as diferenças que são parte constitutiva da vida na cidade.

Foram abordados também textos mais específicos que tratam sobre a Feira de São Cristóvão ou Centro Luiz Gonzaga de Tradições Nordestina. Falando sobre o artista do repente, e, a maneira como ele percebe as mudanças que a Feira de São Cristóvão sofreu devido contato com a cidade, ou as interferências que o homem urbano exerce em sua arte.

Refletimos também sobre as mudanças ocorridas na Feira de São Cristóvão, algumas razões que levaram a essas mudanças, como por exemplo, a disputa política sobre o controle

da Feira de São Cristóvão e algumas regras que foram impostas aos feirantes para a utilização do Pavilhão de São Cristóvão.

Conclusão

Podemos concluir, com o auxílio dos autores estudados, que mesmo com a cidade celebrando as diferenças e as liberdades ainda é necessário investigar melhor como o homem urbano percebe a alteridade. Como nos apresentou Georg Simmel, o homem urbano possui dentro da metrópole uma grande liberdade, porém, essa liberdade traria uma solidão. O homem urbano se fecha somente para um pequeno grupo com que compartilharia opinião, estilos, e inclusive, a forma como o indivíduo percebe o corpo, como ele constrói este corpo. Rejeitando, e, até sentindo repulsa daqueles que escapam o modelo deste grupo, mesmo que seja pela aparência.

O homem rural por possuir uma concepção de vida e representações diferentes da do homem urbano, encontra dificuldade de viver na cidade. Então o lazer popular se torna um espaço em que é possível o contato entre eles, um espaço em que eles se encontram e se auxiliam, onde celebram seu local de origem e suas representações e reafirmam suas identidades.

O lazer popular dentro da cidade possui características próprias que diferem daqueles encontrados no nordeste. Na cidade se misturam o tradicional, o campo e o moderno, a cidade. Contudo, como nos mostra José Guilherme C. Magnani, a literatura que estuda este tema se divide em duas opiniões divergentes. A primeira vê a interação da arte popular com o meio urbano como uma forma de aculturação, de perda da identidade do artista pelo meio dominante. A outra, ao contrário, percebe a cultura popular como uma forma de resistência ao meio dominante. Entretanto o autor se apresenta contrário as duas idéias, já que considera que a arte popular possui diversos significantes e significados.

Dentro desse contexto, o artista do lazer popular se encontra em um dilema ou faz uma música comercial que agrade seu público ou faz uma música que o agrade, mas que não seja aprovado pelo público.

Contudo, o artista que opta pelo sucesso, é visto com maus olhos dentro do grupo. Porque segundo os artistas que escolhem fazer a música não-comercial, a arte não pode ser ensinada, mas sim vivida. Então somente aqueles que partilham uma determinada experiência são capazes de produzir esta arte

A arte popular da Feira de São Cristóvão é uma expressão da vivência do nordestino, uma arte saudosista que celebra seu lugar de origem, suas tradições. Arte que uniria amigos e parentes que partilharam experiências comuns, distanciando-os do homem urbano que desconhece esses locais e histórias. Tornando assim um espaço de sociabilidade específica do nordestino.

A Feira de São Cristóvão, porém, cresceu e mudou muito, tornando-se um espaço onde se encontram e sociabilizam nordestinos, cariocas e estrangeiros, todos aqueles que se interessam pela arte popular e pela cultura nordestina. Tornou-se assim, um espaço de lazer compartilhado por diversos grupos, e congregando diversas formas de sociabilidade.

Referencia Bibliográfica

- 1- MAGNANI, José Guilherme C. **Quando o campo é cidade**. In: Na Metrópole EDUSP, São Paulo, 1996. P.14-51
- 2- DAMATTA, Roberto. **O ofício de etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.23-35
- 3- VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p.36-46

- 4- SIMMEL, Georg. **A metrópole e a vida mental.** In: Fenômeno Urbano. 2.ed Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 13-28
- 5- WIRTH, Louis. **O urbanismo como modo de vida.** In: Fenômeno Urbano. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, p. 90-113
- 6- PARK, Robert E. **A cidade: sugestões para uma investigação do comportamento humano no meio urbano.** In: Fenômeno Urbano. Zahar Editores 2ed. Rio de Janeiro, p.29-72
- 7- MAGNANI, José Guilherme C. **A descoberta da periferia.** In: Festa no pedaço- cultura popular e lazer na cidade. Brasiliense, 1984, p. 14-20
_____. **Proposta de análise e escolha do objeto.** In: Festa no pedaço- cultura popular e lazer na cidade. Brasiliense, 1984, p. 20-30
_____. **O circo: descrição geral** In: Festa no pedaço- cultura popular e lazer na cidade. Brasiliense, 1984, p. 31-50
_____. **Questões de método.** In: Festa no pedaço- cultura popular e lazer na cidade. Brasiliense, 1984, p. 51-60
- 8- DA SILVA, Vagner G. **As Esquinas Sagradas – o candomblé e o uso religioso da cidade.** In: Na Metrópole EDUSP, São Paulo, 1996. P.91-122
- 9- BECKER, Howard S. **A cultura de um grupo desviante: o músico de casa noturna.** In: Outsiders- Estudos de sociologia do desvio, Zahar, Rio de Janeiro, 2005. P.89-110
_____. **A cultura de um grupo desviante: o músico de casa noturna.** In: Outsiders- Estudos de sociologia do desvio, Zahar, Rio de Janeiro, 2005. P.111-128
- 10- PERDIGÃO, Elaine R. **Rima e Improviso: O Combate Versado no Repente.** Pós-Gadruação da UFF, Niterói, 2009, P.1-44
- 11- PANDOLFO, Maria Lúcia M. **A Feira de São Cristóvão: Espaço sentimental Nordeste Rio de Janeiro.** Cadernos Avulsos da biblioteca do professor do Colégio Pedro II nº 12, Rio de Janeiro 1989